

Muitos conceitos sobre a leitura de literatura encontramos. Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Eliane Yunes, Rildo Cosson, Paulo Franchetti, entre outros, argumentam sobre a importância de se ler o texto literário, por vezes nos chamando atenção para o seguinte ponto: por meio da leitura literária podemos ler/compreender melhor a realidade ao nosso redor. Sabemos também que cada leitor possui seu conhecimento de mundo e este deve ser considerado e deve ser ampliado, como afirmam as professoras Vera Aguiar e Bordini (1988) sobre o método recepcional e o horizonte de expectativas ao focarem meios de se trabalhar a leitura de literatura em sala de aula.

Para a criança ou o adolescente gostar de ler literatura é demasiadamente necessário que o mediador - pais, professores, bibliotecários, tios, avós... - faça adequadamente essa mediação. Para isso, vale muito a pena que esse sujeito aprecie a literatura e tenha sensibilidade para compreendê-la e transmiti-la com paixão e entusiasmo. Cada professor-mediador tem, por exemplo, um jeito de repassar o conteúdo desse texto tão criativo. Seu sentimento positivo à leitura deve ser levado ao leitor e conduzi-lo ao conhecimento e à magia que a literatura nos presenteia.

A proposta deste artigo é aproximar os contos “Maria”, de Conceição Evaristo, e “Réplica”, de Chimamanda, do conto “Amor”, de Clarice Lispector, e revelar que eles apresentam uma intertextualidade que se dá pelo espelhamento de alguns aspectos narrativos e pelos seguintes temas: isolamento, controle, abandono, submissão e maternidade; também mostrar como se pode ler esses contos pelo viés comparativo e com isso abordar criticamente, e de maneira envolvente, o(s) tema(s) com o leitor.

A comparação é essencial para que possamos elaborar nossas próprias conclusões a respeito de um conceito, de um fato, de um ou mais livros etc. Um texto não surge do nada e é compreendido pela bagagem que está no próprio leitor, que faz aproximações e estabelece identificações com o que está lendo. Um autor não escreve muito fora de seu espaço-tempo, ele observa e lê o que está à sua volta, não consegue criar nada que não tenha passado pelos seus olhos, pela sua percepção e sentidos. Em sua narrativa e/ou poesia, algo de sua realidade e de seu convívio estarão, de alguma forma, presentes nos textos.

Laurent Jenny, em “A estratégia da forma”, afirma que a obra literária seria incompreensível se não tivesse em sua constituição a intertextualidade. Para o autor, a

¹ Docente do curso de Letras Port./Espanhol e do ProfLetras – UEMS/Dourados.

intertextualidade é um olhar crítico no sentido de que não é simplesmente memórias, pois, ao reescrever as lembranças, passa a influenciar seus precursores. Ainda de acordo com suas palavras, diz que “[...] a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido.” (JENNY, 1979, p.14)

Nessa mesma perspectiva, em seu livro *O próprio e o alheio*, Tania Carvalhal afirma que se antes a literatura comparada, em sua especificidade, seguia restrições e os modos no campo de sua atuação, hoje ela se move entre áreas diversas, podendo assim apropriar-se de métodos diferentes que são exigidos na relação dos objetos a serem comparados. Segundo a autora, a continuidade literária se organiza na esfera da alternância do que se esquece e do que apreende na memória. Em sua operacionalização, a intertextualidade vai permitir que os fios interiores dessa continuidade, em seus segmentos e rupturas, se recomponham. A intertextualidade pode ser entendida como um elemento pertencente à percepção textual.” (CARVALHAL, 2003, p. 76)

Em outra convergência, Julia Kristeva, em seu ensaio “Le mot, le dialogue et le roman”, diz que todo texto é uma absorção e transformação de outro texto. Assim, todo texto é um “mosaico de citações”. Para a autora, a linguagem poética se lê duplamente e na noção de intersubjetividade se instala a intertextualidade. (KRISTEVA, 1968)

Uma das funções da literatura - e da arte de modo geral - é sensibilizar o sujeito leitor. Na literatura encontramos aspectos humanistas – em seu sentido amplo - que nos ajudam a compreender melhor a essência dos sujeitos. Na narrativa, por exemplo, temos as personagens e suas tensões que nos fazem posicionar diante de acontecimentos, apoiar um ou outro personagem, ou não também. O que importa é a empatia e o que se pode alcançar com ela. O texto literário nos coloca de frente com uma realidade que se encontra fora dela mesma e nela, e que nos toca pela organização que o próprio texto literário nos traz. Lemos e gostamos de literatura porque ela nos livra por momentos - durante a sua leitura - do caos do mundo externo/interno, pois o sujeito precisa dessa organização para estabelecer relações, reflexões que o aprimore e o ajude a se organizar internamente.

“Amor” é um conto muito conhecido do leitor de Lispector e estudado - vários artigos já foram escritos sobre ele; é um dos contos que compõem o livro *Laços de família* (1998), que se tornou importante para a obra da autora e para a literatura brasileira com o passar dos anos. “Maria” é um conto escrito por Conceição Evaristo e publicado no livro *Olhos d'água* (2016). Neste livro há outras histórias em que as personagens predominantes são negras e a memória é acionada. A autora sempre nos diz que sua literatura traz a sua vivência. Assim,

temos a *escrevivência* que ela mesma conceitua e teoriza. Evaristo considera que seus textos são frutos de sua vivência, ou seja, de alguma maneira, as personagens de sua obra foram vistas e observadas pela autora. “Réplica” foi escrito por Chimamanda - autora nigeriana que vive nos Estados Unidos - e compõem o livro *No seu pescoço*, lançado no Brasil em 2017. Neste conto, as personagens são bem definidas e recebem cada qual um nome, e isso revela a personalidade/essência delas. Não há confusão, ou ambiguidade nos papéis desempenhados pelos sujeitos durante as tensões.

Espelhamentos: uma possibilidade de leitura

No conto “Amor”, Ana passa horas dentro do apartamento, não trabalha para fora de casa, organiza a casa, cuida dos filhos e do marido, observa o espaço limpo, a ordem disponibilizada no ambiente; no entanto, em determinada hora do dia seu sentimento se altera, a hora se torna “perigosa”. Em certo momento da narrativa, ela sai para fazer compras, toma o bonde e nele vê um cego mascando chicletes sentado no ponto. Com uma visão/observação passa por uma sensação epifânica, potencializada pela frenada do bonde, cuja redução brusca da velocidade faz com que suas compras caem pelo chão e os ovos sejam quebrados. É importante destacar que a imagem da quebra dos ovos é simbólica e nos permite relacioná-la com o “renascer” ao se unir à cena do cego que masca. A partir desse fato, a protagonista descobre uma realidade e com isso percebe que não possui o controle – como antes - do que vê, e uma nova “vida” surge, uma “vida explodida”, um novo sujeito é despertado nela:

[...] a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água – havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d’água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios corriam o suor. A fê a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos. (LISPECTOR, 1998, p. 27-28)

Na descrição acima, Ana começa a sentir um mundo ao seu redor, tudo é muito forte, tudo pode ser percebido por ela de maneira potencializada. Isso é o medo que a vida exposta apresenta para o personagem. Detalhes antes não observados e sentidos agora se tornam claros e assustadores, pois revelam o perigo e a persistência da vida.

Na passagem em que Ana estava no Jardim Botânico - em contato com esse ambiente, isto é, com a natureza - ela vê tudo com mais intensidade (os caroços das frutas, os insetos...) até que se distrai completamente ali e se esquece das horas. Tendo consciência de que o tempo passou muito e velozmente, ela segue para a casa, pois precisa receber sua família para o jantar. Seus filhos parecem frágeis diante do mundo que naquele dia havia descoberto, ou percebido. Tinha medo do que lá fora existia, um mundo externo que a perturbava. Com essa compreensão, se sente desprotegida e abraça os filhos num instante simbólico. Qualquer ruído agora se potencializava unicamente para ela, como o barulho do fogão. Após o jantar, o marido ao seu lado a chama para dormir, percebendo-a diferente. Porém, ele consegue – por meio de um gesto de proteção - que ela volte para a realidade de ser esposa, de ser dona de casa. Na perspectiva de Ana, o amor sentido apresentava outro lado – o “inferno” - que lhe causava medo, reflexão.

No final da narrativa, ela se penteia diante do espelho em seu quarto, reforçando sua escolha em estar ali, em seu apartamento quente e com muitas parcelas a pagar, cuidando do lar, do marido e dos filhos, porém, de alguma forma, com o conhecimento ampliado a partir do que é percebido do mundo fora dali.

A intertextualidade em “Maria” surge quando se tem a leitura do primeiro texto, o de Lispector, pois em “Amor”, existe Ana, uma mulher branca, de classe média, dona de casa que parece se distanciar da realidade da vida e não tem que trabalhar para sobreviver, ao contrário de Maria, protagonista do conto “Maria”. Neste conto, uma mulher negra toma o ônibus, após trabalhar na casa da patroa, ela tem três filhos que a esperam em casa, é uma mãe que cria os filhos sozinha. O pai de sua primeira criança a abandonara.

A mulher leva um osso do pernil que havia sobrado da festa, além de algumas frutas, e segue o caminho de casa a fim de encontrar os filhos. Segue o trecho:

O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. (EVARISTO, 2016, p. 39)

A sacola que carregava não continha ovos como a de Ana, mas restos que haviam enfeitado a mesa na festa da casa da patroa. Ana entra no bonde e Maria toma o ônibus. A situação das duas mudam durante o trajeto: a primeira enxerga uma realidade que não conhecia e que lhe punha medo, pois se sentia frágil diante dela, algo extremamente subjetivo para a personagem, parecia não querer enfrentá-la, abraçava os filhos no sentido de protegê-los; a segunda, depois do trabalho na casa da patroa, encontra o pai de seu primeiro filho.

Assim é a passagem: um homem entra no ônibus e se senta ao seu lado, ela o reconhece, é o tal pai sumido, os dois trocam palavras, ela parece entender que ele manda um beijo, um abraço e um carinho para o filho. A impressão – que o leitor possa ter - é que ela forja esse recado, e revela mais um sentimento de como queria que a mensagem daquele homem tivesse sido. Ele era no presente um assaltante de ônibus. E, após o assalto, Maria, por estar conversando com ele antes, é considerada, equivocadamente, sua cúmplice: “Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada com os ladrões!” (EVARISTO, 2016, p. 42). Ela é colocada para fora do transporte e ali é linchada por aqueles que a julgavam e queriam puni-la, cometendo “justiça” com as próprias mãos.

Diferentemente de Ana, Maria não volta para casa, a realidade é outra, é assassinada violentamente na rua. Em “Amor”, a personagem se dá conta de uma realidade fora de seu lar; em “Maria”, a protagonista vive essa realidade e sofre os infortúnios e injustiças desse contexto. Obviamente que Ana não sabe/sofre da realidade de Maria, mas algo lhe toca intimamente quando vê um sujeito, ou melhor, um cego mascando chicletes, olhando-a fixamente, porém sem olhá-la, pois, é cego. No entanto, o “olhar” daquele homem a atinge de tal maneira que faz com que ela fuja daquele espaço e siga para o interior do Jardim Botânico, aleatoriamente, em busca, de certa forma, de proteção. Maria, pelo contrário, voltava para sua casa de ônibus, como sempre fazia após o trabalho, estava longe dos filhos, de seu lar, tinha como “recompensa” os restos dados pela patroa.

A proximidade dos dois contos está exatamente nas semelhanças e nas diferenças entre essas mulheres, em muitos aspectos, como já destacamos. Porém, a presença do homem nas narrativas é um ponto que se deve prestar atenção, pois em “Amor”, o marido é o chefe de família, aquele que trabalha, tem um emprego, e quando volta para a casa quer ser recebido por uma mulher que passou o dia cuidando do “lar”, dos filhos, organizando o jantar. Ana então é uma personagem submissa, uma dona de casa que representa a mulher de classe média da época – década de 1970.

Maria, por sua vez, sofre a mais dura das violências, o linchamento público, seu castigo é para servir de exemplo a outras pessoas. Não se pode esquecer que essa personagem é uma mulher negra, pobre e abandonada pelo seu homem e sobretudo invisibilizada pela coletividade, pelo estado, é vítima do racismo estrutural que adoeceu e ainda adoce a sociedade brasileira. Ela não tem voz, pois seus algozes não a ouvem, não a deixam falar, alguém ali na história grita: “Linha, lincha, lincha!...” (EVARISTO, 2016, p. 42). Pessoas que

estavam no ônibus não permitem sua defesa, não permitem que ela viva. No campo comparativo, trata-se aqui de duas realidades, de dois contextos, de dois tempos, pois Maria não tem um homem para ajudá-la. O pai de seu filho, aquele que ela amava e a abandonara, a coloca numa situação para a morte. E os outros em volta a julgam.

“Réplica” apresenta uma mulher nigeriana chamada Nkem, com excelente condição financeira, vivendo com os filhos e uma empregada – também nigeriana - numa casa luxuosa, num bairro elitizado nos Estados Unidos. Certo dia, fica sabendo, por meio de um telefonema de uma amiga, que seu marido estava mantendo um relacionamento às escondidas com outra mulher mais jovem, na Nigéria.

De família pobre nigeriana, Nkem se casara com Obiora – homem nigeriano e muito rico -, que se muda com ela para os Estados Unidos. Ele vive também na Nigéria - pelo fato de seus negócios estarem nesse país - e passa somente dois meses do ano com a família.

Ingenuamente, Nkem parecia acreditar na fidelidade do marido até o momento que recebe a tal ligação, chamando-a para a realidade; ela possui um excelente carro que a faz locomover pelo bairro luxuoso, não faz serviço domésticos e nem trabalha, opondo-se nesse sentido à situação financeira de Ana – que pertence à classe média -, mas principalmente de Maria.

A protagonista menciona que os filhos estão longe dos pais, pois ele fica muito tempo em outro país e não vem com frequência desejada aos Estados Unidos para vê-los:

Ela fica imaginando o que ele vai trazer na próxima semana; veio olhar de perto os objetos de arte, tocando-os, imaginando os originais, imaginando as vidas por trás deles. Na próxima semana, seus filhos mais uma vez dirão ‘papai’ para uma pessoa de verdade, não uma voz no telefone; ela vai acordar de noite e ouvir alguém roncando a seu lado; vai haver outra toalha usada no banheiro.” (ADICHIE, 2017, p. 33)

As crianças nos três contos são somente referidas sempre pelas mães e/ou não aparecem ou não possuem vozes. Ana apresenta sentimento de proteção aos filhos quando se trata do mundo exterior, da realidade fora de sua casa. Maria leva um osso de pernil e melão para casa, expressa que os filhos nunca comeram a fruta, tem a dúvida se eles irão gostar. Segue o trecho: “Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2016, p. 39-40)

Os focos das tensões são concentrados nas relações entre as mulheres e os homens (maridos), pois eles surgem como antagonistas – pelo que eles representam ou fazem: em

“Amor”, o marido de Ana é o chefe de família, aquele que cuida, que tem a última palavra, o que conduz a mulher ao quarto depois de ter percebido que algo nela havia mudado. No final, apresenta um aparente cuidado, parece mantê-la como sua esposa que organiza sua casa, que cuida dos filhos. Em “Maria”, a mulher é abandonada pelos homens. Em “Réplica”, a personagem é praticamente colocada em outro país, distante do marido, recebe apoio financeiro de longe, porém abandonada/trocada por ele, se torna verdadeiramente uma réplica.

No que se refere ao espaço, Ana vive a maior parte do tempo do dia sozinha num apartamento. Quando sai desse ambiente, pega o bonde. Maria passa a maior parte do dia trabalhando como empregada doméstica na casa da patroa. Com isso, fica distante dos filhos. NKem praticamente fica a maior parte do dia em sua casa luxuosa, com réplicas de obras de arte. Quando sai, usa seu carro de luxo para ir às compras.

Com relação ao tempo, podemos dizer que em “Amor” a narrativa apresenta uma estrutura cronológica, porém com momentos em que a personagem passa por descobertas e adentra num mundo de novas sensações e percepções, esquecendo do tempo presente. Em “Maria”, o tempo é cronológico, a memória é destacada quando a personagem lembra dos filhos, e do tempo em que vivia no barraco com o marido e quando ele a abandonou, deixando-a com o filho para criar. Em “Réplica”, o tempo é cronológico, porém a personagem recorda momentos do passado, de sua vida quando era solteira, sem boas condições financeiras, e depois quando conheceu Obiora, na Nigéria.

Aníbal Quijano - teórico peruano, diz em seu texto “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, que a América Latina, após a colonização, vive a colonialidade - sob um pensamento ainda do colonizador - que tem como base o eurocentrismo/capitalismo que é excludente, e com isso homens e mulheres negros(as) e indígenas sofrem o racismo. Para que isso mude, uma nova mentalidade deverá surgir e será fruto do embate à colonialidade. Por meio desse raciocínio que se apresenta tão claro devido à sua interpretação lógica dos fatos históricos e sociais, compreende-se de forma profunda o conto “Maria”, que parece ser um exemplo, na prática, dos reflexos/resultados do pensamento colonizador que perdura na sociedade, em suas devidas proporções, neste tempo.

Com algumas convergências às ideias acima de Quijano, Maria Lugones, em seu texto “Rumo a um feminismo decolonial”, afirma que:

Acredito que a hierarquia dicotômica entre seres humanos e não humanos é a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção hierárquica e dicotômica entre humanos e não humanos foi imposta sobre os colonizados, a serviço dos interesses do homem ocidental – e ela foi acompanhada por outras distinções que obedeciam à mesma lógica, como aquela entre homens e mulheres. Esse tipo de diferenciação se tornou

uma marca da humanidade e da civilização. Somente homens e mulheres civilizados são humanos; povos indígenas das Américas e escravos africanos eram classificados como não humanos – animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. (LUGONES, p. 371)

Em sua reflexão, Lugones, além de questionar sobre superioridade do colonizador sob o colonizado nas Américas, toca na ideia de hierarquização dicotômica estabelecida entre homens e mulheres desde a época colonial. Seu raciocínio se mostra extremamente adequado para cada realidade construída nos contos aqui tratados, haja vista que as personagens, em suas relações singulares com os seus homens, mantêm-se dependentes financeira e/ou emocionalmente deles, exceto Maria, em que o abandono lhe fez lutar para sobreviver apesar de ainda amar o pai de seu filho.

Considerações finais

No conto de Lispector, como já foi dito, a mulher retratada pertence ao contexto da década de 1970, em que as mulheres de uma maneira geral tinham uma vida de dona do lar, com afazeres domésticos definidos, como: cuidar da casa, tomar conta dos filhos, e muito dependente financeiramente do marido e submissa a ele. A voz do homem era hierárquica e simbolicamente “superior” à da mulher e ela permanecia em silêncio, pois seus sentimentos não eram externados, sua angústia permanecia escondida. Ana representa essa mulher que vive sob a autoridade do pai e que depois de casada segue submissa ao poder do marido. Na narrativa, ela não se desvencilha dessa situação, pois em sua relação possui um sentimento decifrado como amor, numa perspectiva extremamente subjetiva e única. O fato de viver dentro de casa impede essa mulher de vivenciar com frequência a realidade do mundo externo, de obter conhecimento que só se consegue nas relações/tensões com outras pessoas, “aventurando-se”. Carrega em sua constituição a cultura/tradição imposta pela sociedade patriarcal. Porém, por outro lado, revela seu forte amor pelo marido e pelos filhos, querendo protegê-los e ser protegida do perigo da vida.

No conto “Maria”, a mulher é negra e pobre e colhe as injustiças do racismo estrutural fortemente presente em nossa sociedade até os dias de hoje. O nome Maria é simbólico, pois é o nome virgem, mãe de Jesus, que simboliza a mulher-mãe sofredora; o espelhamento se forma para a nossa reflexão em compreender as representações de mulheres em suas vidas de diversidades, resvalando na imprevisibilidade e ironia da vida real. O relato traz as injustiças que tentam abater as mulheres negras mais pobres e que lutam muito para sobreviver no país.

A escrita de autoras afro-brasileiras tem ganhado espaço na literatura contemporânea, por problematizar os desafios e as dificuldades desses sujeitos em nossa sociedade. Em suas narrativas, as escritoras retratam as opressões vivenciadas por essas mulheres, que são objetificadas e silenciadas na sociedade patriarcal.

É na literatura escrita por mulheres negras que as personagens representam as vozes de tantas mulheres oprimidas pelo sistema. Nesse contexto, ao ler o conto “Réplica”, pode-se observar a relação de subalternidade da mulher negra no sistema patriarcal da sociedade nigeriana. Porém, a protagonista desse conto - como Ana e Maria – apesar do abandono, sente ainda um amor pelo seu marido que lhe trata como uma “réplica”. No final da narrativa, ela busca impor sua escolha de voltar a viver com Obiora na Nigéria e ocupar seu lugar de esposa nesse país.

Por fim, o espelhamento dos contos indica a intertextualidade implícita entre eles. As situações e os contextos e os papéis dessas mulheres nas classes sociais e nas culturas em que estão inseridas estabelecem alguns contrastes entre elas, no entanto as proximidades existem e são observadas principalmente nos seguintes pontos: composição de sujeitos no círculo de tensão; no protagonismo da personagem feminina; na presença/ausência dos filhos; na presença/ausência dos maridos; na mudança em suas vidas após fatos que acontecem; em suas existências sob o sistema patriarcal.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CARVALHAL, Tânia. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- JENNY, Laurent. “A estratégia da forma”. In: *Intertextualidades*. Coimbra: Almedina, 1979, p. 5-49.
- KRISTEVA, Julia. “Le mot, le dialogue et le roman”. In: *Critique*. Paris: (239), 1968.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUGONES, María. “Rumo a um feminismo decolonial”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>